

DEMOCRACIA EM SUSPENSÃO: LAWFARE, ZELENSKY E O SILENCIO DAS DEMOCRACIAS OCIDENTAIS

Por Marco Antonio de Freitas Coutinho*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A Ucrânia, vista como símbolo de resistência democrática, exibe sinais preocupantes de erosão institucional; sob Zelensky, há uso de lawfare contra opositores e enfraquecimento anticorrupção, tudo ignorado pelas democracias ocidentais por interesses geopolíticos.

Desde o início da invasão russa em 2022, a Ucrânia tem sido apresentada como símbolo da resistência democrática no leste europeu. Volodymyr Zelensky, presidente ucraniano, tornou-se figura central dessa narrativa, recebendo apoio irrestrito de potências ocidentais. No entanto, à medida em que o conflito se prolonga, surgem sinais preocupantes de erosão institucional, uso político do aparato judicial e tentativas de concentração de poder.

Uma matéria publicada pela mídia alemã *Politico* (DETTMER, 2025) revela uma face menos idealizada da liderança ucraniana: a prática sistemática de *lawfare* contra opositores e o enfraquecimento de mecanismos anticorrupção. Este artigo propõe uma reflexão sobre o futuro da democracia ucraniana e a omissão das democracias ocidentais diante de abusos justificados por interesses geopolíticos.

DESGASTE DEMOCRÁTICO

Em entrevista à agência *Axios*, Zelensky afirmou estar pronto para não buscar um segundo mandato, alegando que seu objetivo é terminar a guerra. A declaração, no entanto, foi recebida com certa reserva pela população. Como observou o *Politico*, a fala “*mal causou uma ondinha de interesse*” e, entre opositores, gerou mais escárnio

do que surpresa. A reação popular foi marcada por uma ironia discreta, como quem ouve uma promessa de fim de mandato com o mesmo entusiasmo que se recebe um anúncio de dieta após as festas: ninguém leva muito a sério, mas todos seguem em frente.

De fato, Zelensky e seus aliados tentaram retirar a independência de duas agências anticorrupção, a NABU e a SAP, justamente quando estas iniciavam investigações contra membros do gabinete presidencial. A manobra foi abortada após protestos internos e pressão internacional, mas substituída por uma campanha de intimidação conduzida pelo Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU), incluindo dezenas de buscas e acesso a arquivos sensíveis.

Além disso, há evidências de uso sistemático de processos criminais contra opositores políticos. Petro Poroshenko, ex-presidente derrotado por Zelensky em 2019, foi alvo de mais de 20 investigações, incluindo uma por alta traição. Em fevereiro, teve seus bens congelados por decreto presidencial. Valery Zaluzhny, ex-comandante das Forças Armadas e possível rival eleitoral, também foi alvo de investigações indiretas, com acusações de negligência contra generais próximos. A escalada de *lawfare* parece ter como objetivo desestabilizar adversários e consolidar o poder presidencial.

A Constituição ucraniana proíbe eleições sob lei marcial, mas não prevê extensão automática do mandato presidencial. Juristas apontam que, em caso de expiração do mandato sem eleições, o presidente da Verkhovna Rada deveria assumir interinamente, conforme o artigo 112 da Constituição.

A ausência de mecanismos claros de sucessão abre espaço para interpretações perigosas e para a perpetuação no poder sob o pretexto da guerra. Ainda assim, Zelensky continua a receber apoio financeiro, militar e diplomático das democracias ocidentais, que ignoram os sinais de autoritarismo crescente. A narrativa dominante privilegia a geopolítica sobre os princípios democráticos, comprometendo a credibilidade do Ocidente como defensor da democracia.

CONCLUSÃO

A Ucrânia enfrenta uma guerra existencial contra a Rússia, mas isso não pode justificar a suspensão indefinida da democracia. O uso de *lawfare*, a intimidação de opositores e o enfraquecimento de instituições independentes são sintomas de uma deriva autoritária que precisa ser enfrentada. O silêncio das democracias ocidentais, motivado por interesses estratégicos, contribui para a normalização desses abusos. Defender a Ucrânia contra a agressão russa é essencial, mas também é urgente defender a democracia dentro da Ucrânia. Caso contrário, corre-se o risco de vencer a guerra externa e perder a batalha interna pela legitimidade.

Mais grave ainda é perceber que esse silêncio não é apenas sobre a Ucrânia. Ele revela um desgaste mais profundo na própria Europa, onde o compromisso com a ordem baseada em regras parece cada vez mais condicionado por conveniências geopolíticas. Quando princípios democráticos se tornam flexíveis diante de aliados estratégicos, o que está em jogo não é apenas o futuro da Ucrânia, mas a credibilidade do Ocidente como guardião da democracia. A pergunta que se impõe é incômoda: até que ponto a Europa está disposta a sacrificar coerência em nome da segurança?

REFERÊNCIAS

DETTMER, Jamie. *Politics in wartime — Ukraine-style*. Politico, 6 de outubro de 2025. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/volodymyr-zelenskyy-ukrainian-politics-war/>.

VERFASSUNGSBLOG. *Ukraine's Constitutional Order in Wartime*. Verfassungsblog, 2023. Disponível em: <https://verfassungsblog.de/ukraines-constitution-in-war/>.

COLUMBIA LAW REVIEW. *Upholding Democratic Legitimacy Under Martial Law*. Columbia Law Review, 2024. Disponível em:
<https://www.culawreview.org/journal/upholding-democratic-legitimacy-under-martial-law-ukraines-legal-mandate-for-the-2024-presidential-election>.

RATING SOCIOLOGICAL GROUP. *Presidential Election Poll — Summer 2025*. Rating Group, 2025.

***Marco Antonio de Freitas Coutinho** é coronel da reserva do Exército Brasileiro, bacharel em Ciências Militares pela AMAN, mestre em Operações Militares pela EsAO e em Ciências Militares pela ECEME. Coutinho é pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e possui mestrado em Ciência Política Internacional pela Fundação Universitária Iberoamericana (Espanha). Pode ser contatado pelo e-mail: marcoutinho@hotmail.com. Acompanhe seu Substack: <https://substack.com/@marcoutinho>.